

PLACAR

MENGO E
SPORT CAMPEÕES



REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL • N.º 604 • 11/DEZEMBRO/1981 • Cr\$ 150

A FESTA DO BI!



Carlos Henrique

**TODOS QUEREM
ESTE CAMPEÃO**



Cleo

**SÍMBOLO DO
AMOR COLORADO**



Osmar

**A CLASSE DE
QUEM É TETRA**

GRÁTIS
SUPERPOSTER
SANTO ANDRÉ
E
OPERÁRIO-MS

ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, CEARÁ, MARANHÃO, MATO GROSSO
MATO GROSSO DO SUL, PARÁ, PARAÍBA, PIAUÍ,
RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE. CR\$ 200 - 0563

"CARIMBEM SEMPRE

A torcida, mais uma vez, não apareceu. Mas os que foram celebrar o bi ao vivo não se arrependeram: viram sete gols, bons momentos do jovem Ricardo e os seus heróis de 1980/81



Ricardo, 19 anos: uma arma para o tri

A partida contra a Seleção Paulista, na entrega das faixas de bicampeão aos jogadores do São Paulo, pode não ter sido a festa sonhada durante toda a semana pelos diretores do clube, mas foi uma festa para o futebol.

Sete gols, todos muito bonitos, e jogadas de alta categoria marcaram os 90 minutos desse jogo. A renda de apenas 1,7 milhão de cruzeiros foi quase 12 vezes menor do que a sonhada pelos são-paulinos e a Seleção Paulista venceu o jogo por 4 x 3, de virada, depois de estar perdendo o primeiro tempo por 3 x 1.

Mas nada disso tirou o humor da torcida e da diretoria do São Paulo. "Vamos torcer para que, no ano que vem, o São Paulo também perca a partida da entrega das faixas de tricampeão", dizia o sorridente diretor de futebol Jaime Franco.

Rodeado por eufóricos torcedores, Franco falava entusiasmado sobre a continuidade da política do clube em se reforçar cada vez para mais o próximo ano. "Queremos, em 82, o tricampeonato — um título que o São Paulo nunca conseguiu —, o campeonato brasileiro, a Libertadores e o campeonato mundial", garantia. "E para isso vamos continuar atrás de reforços."

Nesse sentido, foi uma boa semana para o São Paulo. Aproveitando-se da presença do centroavante Didi, do Bota-

fogo de Ribeirão Preto, na Seleção Paulista, o diretor Rubens Caporal iniciou os entendimentos para adquirir seu passe. E a semana terminou com pelo menos um pé do jogador no Morumbi, embora os dirigentes tricolores procurassem negar qualquer negociação em andamento.

"Como todo bom jogador, Didi nos interessa, apenas isso", disfarçava Jaime Franco. Na verdade, o centroavante botafoguense estaria no segundo caso da política tríplice de reforços do São Paulo: 1. contratar periodicamente jogadores de Seleção; 2. trazer regularmente bons jogadores de clubes pequenos para completar o elenco; e 3. aproveitar jogadores saídos das divisões inferiores do próprio clube.

Um ano em que quase tudo terminou bem

Se Didi se encaixa na segunda faixa, o garoto Ricardo, de 19 anos, e que fez sua segunda partida no time profissional no domingo, enquadra-se perfeitamente na terceira categoria. Numa partida repleta de estrelas dos dois lados, ele se sobressaiu com a camisa 7 do São Paulo, mostrando um futebol de velocidade e inteligência, como no terceiro gol. Ganhou uma dividida no meio do campo com Édson, arrancou



FOTOS MANOEL MOTTA

Oscar na dividida, Serginho, Mário

para a área e deu com açúcar para Serginho marcar.

Numa tarde de festa, ele foi, sem dúvida, mais um bom motivo para a torcida são-paulina sorrir confiante quanto ao futuro. "E ela deve sorrir mesmo", confirmava Jaime Franco. "Terminamos o ano com um superávit de 15 mi-

O fundamental, na festa do Morumbi, foi a comemoração da conquista do bicampeonato

AS NOSSAS FAIXAS!"



Sérgio e Dário Pereyra na espera: festa do futebol paulista, numa derrota que não incomodou a ninguém

lhões de cruzeiros, o que prova que estamos no caminho certo."

Para o próximo ano, o orçamento do futebol do São Paulo está estimado em 400 milhões de cruzeiros. Ou seja, um aumento superior a 120%, acima portanto da inflação. Estima-se porém, que o São Paulo acabe superando essa

previsão inicial, como superou em 1981 quando o clube fechou o ano com 260 milhões de cruzeiros de receita e 245 milhões de despesas.

Mas tais números servem apenas como uma base, pois o que vale no São Paulo de hoje é o grande sonho de formar uma máquina de futebol tão dura-

doura quanto o antigo Santos. "No próximo ano, vamos partir ainda com mais força para isso", completava Jaime Franco. E os torcedores que o cercavam já haviam esquecido da derrota para a Seleção Paulista momentos antes.

SÉRGIO MARTINS 

IMPORTAR É A SOLUÇÃO?

A velha política dos clubes pernambucanos de importar jogadores volta a lhes causar problemas. Afinal, como montar times competitivos a longo prazo se, todo ano, os técnicos têm que mudá-los radicalmente?

Faltavam dois meses para terminar o Campeonato Pernambucano e o Santa Cruz precisava resolver um sério problema em sua defesa. Foi fácil: trouxe Caxias, do Colorado do Paraná.

Com ciúme do rival e para demonstrar sua força, o Sport não deixou por menos e importou três de uma só vez. E os três — Carlos Alberto Barbosa, Chico Fraga e Marião — também do Colorado.

O processo, na verdade, havia sido desencadeado pelo Náutico, que contratara João Carlos e Mauro, do Inter de Porto Alegre, e André Catimba, do Pinheiros de Curitiba.

Este pingue-pongue entre os grandes rivais do futebol pernambucano — jogadas que os cartolas muitas vezes fazem por pura ostentação — provocou, na atual temporada, uma fantástica revoadada de jogadores do Sul para o Nordeste.

A situação chegou a tal ponto que Náutico, Sport e Santa Cruz tinham em suas fileiras 22 jogadores nessas condições, criando problemas para os técnicos, curiosamente todos eles também importados: José Poy, de São Paulo (Santa Cruz), e os mineiros Orlando Fantoni (Sport) e Hilton Chaves (Náutico).

Poy confessa que assumiu o cargo para fazer um trabalho de base no Santa Cruz, mas desistiu. Ele se diz "estarcido" com a política dos clubes pernambucanos, "que olham as coisas

muito no sentido pessoal e não no profissional". Poy não se livrará desse problema tão cedo, e só espera que, para 1982, os dirigentes pelo menos comprem os passes de alguns dos jogadores emprestados.

Mas nem com esta solução ele poderá contar: tão logo foi rebaixado para a Taça de Prata, o Santa deu férias ao elenco. Aos emprestados, sete ao todo — Eli, Élvio, Chiquito, Renato, Aluisio, Paulo César e Caxias —, só pagou passagem de ida.

Poy: "Recomeçamos tudo a cada ano"

Do grupo, apenas Caxias tem uma pequena chance de voltar o ano que vem. Desanimado, José Poy desabafa: "É muito ruim trabalhar assim, pois termina uma temporada e, na seguinte, o técnico tem de começar tudo de novo".

A decisão do Náutico é diferente. Com o time classificado para a Taça de Ouro, necessitará de reforços, o que levou seu presidente Geraldo Uchoa a anunciar "uma nova rodada com alguns dos jogadores emprestados". Do contingente — João Carlos, Mauro, Wílton, Nei, Néelson Borges e André Catimba —, sobrarão apenas o ponta-esquerda Florêncio, de 21 anos. Mas, mesmo se fosse convidado a vol-



ARLINDO MARINHO

Araújo, Fraga, Joãozinho, Carlos Vilson, Heyder, Léo e Marião: dez



JB SCALCO

OSÉ EUGÊNIO

Chiquito (do São Paulo), Caxias

tar, ele não aceitaria, tamanhas foram as amarguras pelas quais passou em Pernambuco.

No começo, ele fez de tudo para esconder o seu apelido de "Nega Maluca" — que odeia —, dado por Nilson Dias no Internacional, time ao qual pertence. A imprensa descobriu, no entanto.

Florêncio já estava com o contrato praticamente rescindido, parado há um mês e até passando fome, quando vários jogadores no Náutico foram expulsos no jogo contra o Central, em Caruaru, e o técnico Hilton Chaves, sem ou-

ão, em triste revoada, os craques que Náutico, Sport e Santa Cruz trouxeram do Sul



ARLINDO MARINHO

Alberto, Marcinho, Fagundes, No Náutico, nove não são pernambucanos: Nelson Borges, André Catimba, estrangeiros passando pelo Sport Florêncio, Jairo, Nilson (em pé), Wilton, Mauro, Nei e João Carlos



MANOEL MOTTA



MANOEL MOTTA



MANOEL MOTTA



RODOLPHO MACHADO

(Colorado), Carlos Alberto, Elvio e Marião (ex-São Paulo) e Chico Fraga (ex-FLU e Inter): fora do Santa?

tra solução, chamou-o para enfrentar o Santa Cruz. Foi o fim: não acertou um passe, quase fez gol contra e enlouqueceu com as vaias. "Não há mais condi-

los Alberto Barbosa, Fagundes, Marião e Chico Fraga.

Um deles, o lateral-direito Carlos Alberto Barbosa, saído dos juvenis do Santa Cruz mas com o passe preso ao Inter, já fez seus planos: volta para Porto Alegre em janeiro só para pedir que o clube facilite a sua saída. "Quero mesmo é ficar de vez por aqui", diz ele.

Se para alguns desses jogadores o "empréstimo" às vezes é até humilhante, para outros, como Chiquito, do São Paulo, representa um bom negócio. "É bom quando não se tem vez no clube de origem, pois consegue-se oportuni-

de de ganhar algum dinheiro", observa o lateral-direito.

André Catimba, 35 anos, e muita prática no ramo, é da mesma opinião e garante que "o jogador emprestado termina ganhando mais".

Como ele, existem muitos jogadores que não reclamam dessas aventuras, sempre prontos para uma revoada, desde que, para isso, nunca falte um Santa Cruz, um Náutico ou um Sport — morrendo de ciúmes recíprocos — dispostos a explorar essa experiência.

"É a oportunidade de ganharmos mais"

ções de continuar aqui", comentou o desiludido Florêncio.

O Sport, porém, é que reuniu o maior número desses verdadeiros nômades do futebol brasileiro. Oito: Marcinho, Joãozinho, Heyder, Vilson, Car-

Por LENIVALDO ARAGÃO

AS GRANDES REALIDADES



Festa tricolor: gol de Leônidas da Silva em 1946



Celebração corintiana: gol de Luisinho em 1956

RESPOSTAS DO TESTE DA PÁGINA ANTERIOR:

- 1 - É a Exxon (Esso no Brasil) que, sozinha, fatura 103 bilhões de dólares (cinco vezes o orçamento brasileiro para 81).
- 2 - O Brasil ainda tem 227 800 índios; 965 deles, das tribos Kaingang, Terena e Guarani, moram em diversos pontos do Estado de São Paulo.
- 3 - Há 264 (enquanto só a cidade de São Paulo tem 15 000 médicos).
- 4 - É o dinamarquês Poul Hartling.
- 5 - Foi Tubarão, de Steve Spielberg, visto por 12 822 921 espectadores.
- 6 - Porque à medida que eles se aproximam do sol, seu núcleo libera gases pouco densos que, misturados à grande quantidade de poeira que há no espaço, formam caudas de vários milhares de quilômetros.
- 7 - A causa imediata foi a disputa sobre as águas de Chatt-el-Arab, o rio formado pelo estuário do Tigre e do Eufrates. Mas por trás desse pretexto existem diversas outras razões, que você poderá encontrar na cobertura completa que o ALMANAQUE ABRIL 82 faz sobre os acontecimentos recentes no Irã.

**TUDO O QUE
VOCÊ QUER
SABER
SOBRE
TUDO.**

ALMANAQUE ABRIL



1982

**TUDO O QUE VOCE
PRECISA SABER
SOBRE TUDO**

**SUPER
ATUALIZADO!**

São 784 páginas de informações que abrangem todas as áreas do conhecimento humano e são muito úteis no seu dia-a-dia, seja qual for sua profissão.

- Conquistas da Ciência • Teatro, Cinema, Literatura e Música • Economia e Religião • História Antiga e Moderna • Tudo sobre o Brasil • Tudo sobre todos os países • Horóscopos, Calendários, Profecias e muitas outras curiosidades • Esportes • CEP, DDD e Telex. E mais: História da Imprensa, Rádio e Têvê, Mapas e Bandeiras, Cronologia dos principais acontecimentos nacionais e internacionais ocorridos entre 1980 e 1981, um guia de profissões com a análise de 85 atividades profissionais.

Em casa, no trabalho ou na escola, tenha sempre sua enciclopédia portátil que tem tudo o que você quer saber sobre tudo.

ALMANAQUE ABRIL 82

EM TODAS AS BANCAS

DO FUTEBOL BRASILEIRO 11



O MAJESTOSO

Há 45 anos, dois velhos inimigos constroem a legenda de um clássico empolgante



Grandalhão, dono de uma voz trovejante e terrivelmente apaixonado pelo seu time, Alfredo Ignácio Trindade, que presidiu o Corinthians de 1944 a 1955, não admitia duas coisas na vida: ver a equipe jogar sem garra e, em qualquer circunstância, perder para o São Paulo. Era sobretudo nessa postura que ele encarnava o espírito corintiano, colocando a raça, o empenho e a vontade de vencer acima da técnica individual. Da mesma forma, ao odiar os são-paulinos, o velho Trindade nada mais fazia do que expressar os sentimentos da coletividade que representava.

Afinal, o que têm em comum os dois clubes além do amor ao futebol? Naquela época, como hoje, muito pouco. Embora fundado apenas em 1935, o São Paulo guardava suas origens aristocráti-

J.B. SCALCO

No Morumbi: despertando as paixões de suas torcidas

O MAJESTOSO

cas, enraizadas no fechado e elegante Paulistano, que encerrou suas atividades no futebol quando percebeu que o jogo, antes praticado por senhores de boas famílias, tornava-se um esporte excessivamente popular. O Corinthians, nascido em 1910 por iniciativa de operários e artesãos, permanecia um clube do povo. É evidente que ricos e poderosos podiam — e podem — torcer pelo Corinthians, do mesmo modo que pessoas pobres podiam — e podem — manifestar simpatia pelo São Paulo. Na essência, entretanto, um e outro representam coisas diferentes, conforme Trindade gostava de deixar bem claro, mesmo que ele próprio, bem remunerado executivo de uma multinacional, estivesse mais próximo de ser rico do que de ser pobre.

E foi esse homem empolgado pelo seu alvinegro que entrou intempestivamente no vestiário do Pacaembu, naquela tarde de 1.º de fevereiro de 1953. Bicampeão por antecedência, o Corinthians parecia pouco se importar de estar perdendo para o São Paulo por 2 x 0. Enquanto descansavam no intervalo, os jogadores, conformados com o resultado, viram Trindade irromper aos gritos:

Um rouba do outro a "Taça dos Invictos"

— Se vocês não ganharem, vou mandar queimar as faixas de campeão! Quem perde para esses engomadinhos não merece nem faixa e nem bicho!

Os 11 jogadores voltaram a campo transformados e viraram o marcador para 3 x 2, enlouquecendo a torcida e o emocionado Trindade.

Se para o Corinthians derrotar o terrível rival sempre foi uma questão de honra, a situação inversa jamais deixou de ser verdadeira. Onze anos antes dessa cena, em 1942, sempre no Pacaembu, ambos faziam um jogo praticamente decisivo pelo campeonato. O Corinthians, com uma linha formada por Jerônimo, Servílio, Teleco, Eduardo e Hércules, saiu arrasador. Com dez minutos, já vencia por 2 x 0. O bi se aproximava — quem sabe até com uma goleada. Só que, para o São Paulo, tal perspectiva era inconcebível. Cair diante do inimigo maior? E ainda lhe dar um campeonato de presente? Nunca! De súbito, os tricolores acordam nas arquibancadas e berram para que seu ataque vá à frente. Um maravilhoso ataque: Luisinho, Valdemar

O Corinthians adora estragar a festa do São Paulo



São Paulo, campeão de 57. Em pé: De Sordi, Poy, Sarará, Roberto, Vítor e Mauro; agachados: Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro



Morumbi, 1977: diante do São Paulo, o Timão começa a quebrar o jejum

de Brito, Leônidas da Silva, Remo e Pardal. Quinze minutos mais tarde, para delírio de metade do estádio, o jogo estava empatado. Mais 45, e o São Paulo goleava por 4 x 2, sagrando-se campeão paulista nas rodadas seguintes.

Por sua empolgante tradição, o clássico seria chamado de "Majestoso" — um nome apropriado, que o jornalista Thomaz Mazzoni criara em 1936 nas páginas de *A Gazeta Esportiva*, ele que batizaria Corinthians x Palmeiras de "Derby", Palmeiras x São Paulo de "Choque-Rei" e São Paulo x Santos de "San-São". E, de fato, em 45 anos de confrontos*, houve entre eles encontros

* O Corinthians soma 41 vitórias, contra 35 do São Paulo e 31 empates

majestosos, como os 2 x 1 para o São Paulo, em 1946, valendo-lhe a posse transitória da Taça dos Invictos, na época tão disputada quanto o próprio campeonato. No jogo, contaminados pela rivalidade do clássico, trocaram tabefes no gramado dois monstros sagrados do futebol: os grandes, mitológicos Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

Em 1957, o Corinthians roubaria a Taça dos Invictos do São Paulo definitivamente, levando-a para sua galeria de troféus no Parque São Jorge. Pagou caro pela desfeita. Equilibradíssimo, o campeonato entrava nas últimas rodadas. Ambos, mais o Santos, lutavam pelo título. O Corinthians, orientado por Osvaldo Brandão, mantinha a base do time que fora campeão do IV Centenário de São Pau-

Mas já tomou umas boas lições do seu terrível rival



Leônidas: um herói são-paulino durante os românticos anos 40



Trindade, com o goleiro Cabeção

lo, três anos antes, já sob seu comando. O São Paulo, tendo alguns jovens na equipe, reforçara-se com um veterano craque fora de série: o inesquecível meia Zizinho, então com 36 anos, trazido do Rio de Janeiro a pedido do treinador húngaro Bela Gutmann. Se não bastasse a ótima situação dos clubes na tabela, um fato recente contribuía para aumentar o interesse em torno do jogo: no turno, em lance casual, o são-paulino Maurinho quebrara a perna do corinthiano Alfredo Ramos. No dia seguinte, à porta do hospital, o que faz o temperamental Luisinho, meia do Corinthians? Atira um tijolo na cabeça de Gino Orlando, centroavante do São Paulo!

Foi em tal clima que ambos se cruzaram naquele final de 1957. O São Paulo

marcou 1 x 0 e 2 x 0, o Corinthians diminuiu para 2 x 1 e começou a apertar. No finzinho, porém, Gino, a vítima da tijolada na saída do hospital, lança Maurinho, o que quebrara a perna de Alfredo. Maurinho entra na área, vence Gilmar e assinala 3 x 1, liquidando o jogo e virtualmente o campeonato. No lance ele teria, ainda por cima, dado um tapa no rosto do goleiro. Gilmar jura vingança, dizendo que pegaria o ponta ao fim do jogo.

Enquanto isso, estoura o maior sururu nas arquibancadas e centenas de garrafas são jogadas para o campo. Era a torcida corinthiana que, com razão, alegava impedimento de Maurinho.

Quando o jogo recomeça o juiz não demora a encerrá-lo. Gilmar corre atrás de Maurinho, mas a invasão da torcida são-paulina o obriga a desistir.

Os pobres e ricos à sombra das bandeiras

A grande vingança demoraria exatamente dez anos. O São Paulo venceu o Corinthians por 1 x 0, a 17 de dezembro de 1967. Com o resultado, seria campeão paulista. O Corinthians estava fora do páreo. E daí? As lições do ex-presidente Trindade permaneciam vivas na memória de cada um: jamais deixar de lutar; nunca perder do São Paulo. Falta-me meio minuto. As bandeiras tricolores tremulavam no Pacaembu. O árbitro Armando Marques olha o cronômetro. Vai acabar, São Paulo campeão. Aí, numa confusão na área, o centroavante Benê bate de canela e a bola entra: 1 x 1. O São Paulo se vê obrigado a decidir o título com o Santos — e acaba por perdê-lo.

Dizem que os frustrados são-paulinos rogaram uma praga: por anos e anos o Corinthians continuaria sem ser campeão, numa sucessão de desgraças e provocações que se romperia a partir de 3 de outubro de 1977. Nesse dia, o Corinthians bateu o São Paulo por 2 x 1 e credenciou-se para ganhar diante da Ponte Preta seu primeiro campeonato em 23 anos.

São Paulo x Corinthians. Eis aí a síntese das rivalidades, confrontos e guerras que unem à sombra de uma bandeira ricos e pobres e, à outra, pobres e ricos. É o Majestoso — um capítulo fundamental da maior paixão do Brasil.

Por **CARLOS MARANHÃO** / **JOSÉ MARIA DE AQUINO** 

**ACREDITE NO FUTURO
PREPARE-SE ESTUDANDO NA**

DIVULGAÇÃO BRASILEIRA DE CURSOS SEM PAGAR MENSALIDADES

PROFESSORES ESPECIALIZADOS CRIARAM EXCELENTE CURSOS PARA QUE VOCÊ ESTUDE EM SUA PRÓPRIA CASA.



DURANTE O ESTUDO, SUAS DÚVIDAS SERÃO ESCLARECIDAS PELO DEPARTAMENTO DE CONSULTAS.

ESCOLHA O CURSO DESEJADO
PREENCHA O CUPON E ENVIE PARA:

Divulgação Brasileira de Cursos
Cep. 01000 Caixa Postal 8033
São Paulo

CURSOS

- *AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
- *AUXILIAR DE BANCOS
- *MESTRE DE OBRAS
- *SECRETARIADO MODERNO
- *DESENHO DE LETRAS
- *DESENHO DE CARICATURAS
- *MATEMÁTICA MODERNA
- *INGLÊS
- *FRANCÊS
- *ALEMÃO
- *ITALIANO
- *FOTOGRAFIA
- *DATILOGRAFIA
- *TAQUIGRAFIA
- *ELETRICIDADE DE AUTOS
- *VENDEDOR
- *PUBLICIDADE
- *CORTE E COSTURA
- *CORRESPONDÊNCIA
- *CORRETOR DE IMÓVEIS
- *ENFERMAGEM
- *DECORAÇÃO

E MAIS... VOCÊ RECEBE GRÁTIS: CARTEIRA DE ESTUDANTE, ATESTADO DE CONCLUSÃO NO FINAL DO CURSO.



**ENVIE
AGORA
ESTE
CUPON**

DIVULGAÇÃO BRASILEIRA DE CURSOS
Cep 01000 Caixa Postal 8033 S. Paulo

Sr. Diretor PEÇO O CURSO DE _____ PL - 604
CURSO _____
NOME _____
RUA _____ Nº _____ Apt. _____
BAIRRO _____ CEP _____
CIDADE _____ ESTADO _____

HISTÓRIAS DO FUTEBOL

Por SANDRO MOREYRA

Outro dia foi contada aqui a história de Mário Vianna na Copa do Mundo de 54, realizada na Suíça, e que resultou na sua eliminação como árbitro da FIFA.

Essa história foi agora contestada por uma importante publicação inglesa, de nome *World Football Handbook*. Através dela, o jornalista Brian Glanville — autor de respeitadas obras sobre a história do futebol — ousa levantar uma versão que deixa em dúvida as machistas atitudes assumidas em defesa das cores nacionais pelo nosso bravo apitador.

Brian Glanville, com aquela auto-suficiência britânica, faz a respeito duas acusações graves e atentatórias aos tão decantados dois enes de Mário Vianna. Primeira: que Mário Vianna não esbofeteou Boniperti e sim levou um violento pontapé nas canelas desferido pelo jogador italiano. Segunda (a mais grave): "que foram os italianos que botaram Mário Vianna para correr".

Como sabemos que Mário sempre procurou zelar por sua imagem de homem de coragem, recorremos a várias pessoas presentes àquela Copa. E o resultado da nossa enquete não poderia ser mesmo outro: a imensa maioria concordou com a versão inicial divulgada neste canto do **PLACAR**. Isto é, que Mário deu de fato o murro e, também de fato, pôs os italianos para correr.

Assim sendo, em defesa da honra de Mário Vianna e da própria honra nacional (por que não?) intimemos o *World Football Handbook* e seu célebre escriba Brian Glanville a retirarem imediatamente esse pretensioso pontapé das hoje venerandas canelas de Mário Vianna e, ao mesmo tempo, devolver ao queixo de Boniperti — por justo, verdadeiro e autêntico — o poderoso murro desferido pelo nosso querido apitador.

Feito o que, registre-se com orgulho a invencibilidade dos dois famosos enes do imbatível Mário Vianna e conclua-se que mais uma vez a Europa curvou-se ante o Brasil.



KUNG-KONG

Zé Mário: gigante da Ponte (logo, King Kong da Macaca), também transa artes marciais (logo, kung-fu)



O BEIJO DOS BICUDOS

Eles contrariam o ditado e provam que dois bicudos também se beijam

JB SCALCO

IGNACIO FERREIRA

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ